

A FORMAÇÃO DE UMA ESCRITORA: OS *CAHIERS DE JEUNESSE* DE SIMONE DE BEAUVOIR (1908-1986)

Angela das NEVES*

RESUMO: Este artigo é parte de uma pesquisa maior intitulada *Femmes de lettres*, desenvolvida no Grupo de Pesquisa Brasil-França do IEA-USP, que tem por objeto os escritos memoriais de Simone de Beauvoir (1908-1986), desde seus cadernos de juventude, correspondência, ensaios e memórias, e a sua atuação como interlocutora de outras autoras, na busca pela profissionalização enquanto escritoras. Este artigo tem por intuito analisar a construção autoral beauvoiriana desde seus primeiros escritos memoriais, como os *Cahiers de jeunesse* (1926-1930), tratando da construção do sistema de pensamento e da obra de Simone de Beauvoir a partir da análise de seus cadernos de juventude: são sete cadernos (dos quais o primeiro se perdeu), escritos entre 1926 e 1930, publicados em livro postumamente, em 2008, no centenário da autora. Este estudo se divide em quatro partes: 1) introdução, 2) análise de passagens dos cadernos em que a escritora trata da construção autoral, 3) inter-relação entre os *Cahiers de jeunesse* e as obras de maturidade da autora e, por fim, 4) considerações finais.

PALAVRAS-CHAVE: Escritos memoriais. Construção autoral. Simone de Beauvoir. *Cahiers de jeunesse*.

Oh ! ma vie n'est-elle la plus belle œuvre que je puisse accomplir.
(Beauvoir, 2008, p. 92)¹.

* Pesquisadora do Grupo de Pesquisas Brasil-França (Grupebraf). USP - Universidade de São Paulo - Instituto de Estudos Avançados (IEA). São Paulo – SP – Brasil. 05508-050 - angeladasneves@yahoo.com.br. Pós-doutora em Literatura Brasileira pelo IEB-USP e doutora em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês pela FFLCH-USP.

¹ “Ó! Não seria a minha vida a obra mais bela que eu poderia realizar?” (Beauvoir, 2008, p. 92). Todas as traduções foram feitas pela autora deste artigo.

Introdução

Sua emancipação começa aqui, com a vida de estudante na Paris dos anos 1920. “*J’accepte la grande aventure d’être moi*” (Beauvoir, 2008, p.734)², afirma a autora nestes cadernos de juventude. Diferente da autora da correspondência, sem um interlocutor a quem se dirija, voltada para si mesma e suas reflexões, Simone de Beauvoir começa a escrever seus cadernos aos dezoito anos, na mesma época em que inicia seus estudos de Letras Clássicas e Filosofia na Sorbonne. Antes disso, desde os nove anos, escreveu pequenos romances, sem os publicar. Dos sete cadernos de juventude, publicados postumamente, o primeiro se perdeu em algum momento (hoje já reinserido nos arquivos da autora) e o segundo se inicia em 6 de agosto de 1926; o último acaba em 31 de outubro de 1930, quando Simone já se tornara professora de Filosofia, ao passar pela *agrégation* (Beauvoir, 2008).

Desde a nota que abre o segundo caderno até as últimas páginas, fica a advertência de que estamos invadindo o terreno íntimo de Simone de Beauvoir: “*Rien n’est plus lâche que de violer un secret quand personne n’est là pour le défendre.*” (Beauvoir, 2008, p.43)³. Alerta certamente direcionado a alguém que se atrevesse a ler em 1926 seus escritos de juventude, mas talvez não cem anos depois. Isso porque, como ela mesma define, trata-se de um “período de transformação, de iniciação”, “de uma beleza ardente” (Beauvoir, 2008, p. 94) que ela não voltaria a experimentar em sua vida adulta.

Resumos de leituras, agenda, diário: os cadernos da jovem Castor⁴ reúnem seus pensamentos em amadurecimento. Exercício diário de meditação que disciplinaria a futura escritora em formação. Enquanto seus diversos livros de memórias são a rememoração de sua bela história, relatos íntimos da escritora bem-sucedida (os quais, desde 2018, fazem parte da *Bibliothèque de la Pléiade*)⁵, seus cadernos de juventude são a projeção da jovem que intuía conscientemente toda a capacidade que tinha para isso. Este “culto de si” (Beauvoir, 2008, p.113), como diz a autora, faz todo o sentido do ponto de vista social, quando analisamos a energia que a jovem Simone de Beauvoir depositou na sua formação como escritora feminista e mulher de letras, num mundo ainda então

² “Eu aceito a grande aventura de ser eu” (Beauvoir, 2008, p.734), afirma a autora nestes cadernos de juventude.

³ “Nada é mais covarde do que violar um segredo quando a pessoa não está mais lá para se defender.” (Beauvoir, 2008, p.43).

⁴ Apelido que recebeu de seu amigo René Maheu na faculdade, devido à semelhança de seu sobrenome com a palavra em inglês *beaver* e ao fato de o castor ser um animal gregário (Beauvoir, 2008, p. 694).

⁵ Confira Beauvoir (2018).

dominado pelos homens. Segundo ela mesma, desde jovem se sentia “*faite pour une vie de lutttes, d’efforts, de souffrance*” (Beauvoir, 2008, p.141)⁶. Trata-se de sua profissão de fé (Beauvoir, 2008, p.122), como vemos no trecho a seguir do segundo caderno, datado de 6 de setembro de 1926:

Tout le néant de la vie et l’inanité de l’espoir dans ce bref écoeurement. Comme j’envie Cocteau d’avoir su rendre tout cela ! parfois, un besoin irrésistible me traverse d’une œuvre moi aussi où mon âme s’exprimera ; je sens en moi tant de choses à dire ! Mais je n’ose ; j’ai peur des choses déjà dites ; ce qui un moment m’apparaît nécessaire bientôt me semble vain. Si vraiment j’ai quelque chose à dire, je le saurai bien un jour. Dans trois ans, je verrai ; d’ici là, mieux vaut laisser mon âme mûrir lentement, mes idées devenir plus miennes. (Beauvoir, 2008, p. 80)⁷.

No último caderno, em passagem datada de 17 de setembro de 1930, passados quatro anos e já tendo em esboço seu primeiro livro (muitas vezes reescrito e, mais tarde, submetido a mais de um editor), a jovem Simone insiste em uma obra que exprima seu eu mais íntimo, em que se transfigurem suas emoções de forma sincera e que seja a representação de sua vida.

Que je voudrais pieusement en presser la fugitive essence entre les pages d’un livre pour la sauver. Je ne saurai jamais aimer l’art que comme la sauvegarde de ma vie, je ne lui demanderai que d’en transfigurer, d’en changer enfin en eux-mêmes les moments aimés. Mais ces moments aussi étaient beaux à l’avance de la forme dont ils pressentaient pouvoir se revêtir. N’importe, je ne serai jamais écrivain avant tout, Baladin comme est Sartre. Inventer ne m’amuse pas. Le miracle dont je rêve est celui d’un Proust qui sauve un regard de petite fille aussi facilement que les tableaux d’Elstir et l’art de Berma. J’ai lu Albertine disparue, j’aime bien mieux qu’à la première lecture, bien que ce soit nettement moins bon que le reste. (Beauvoir, 2008, p. 847)⁸.

⁶ “feita para uma vida de lutas, de esforços e de sofrimento” (Beauvoir, 2008, p.141).

⁷ “Todo o vazio da vida e a inutilidade da esperança neste tédio. // Como invejo Cocteau por ter sabido nos entregar tudo isso! às vezes, atravessa-me uma necessidade irresistível de uma obra em que minha alma se exprimirá ; sinto em mim tantas coisas a dizer! Mas não ousar; temo as coisas já ditas; o que em um momento me parece necessário logo depois me parece vão. Se tenho de verdade alguma coisa a dizer, um dia saberei bem. Em três anos, eu verei; daqui até lá, o melhor é deixar minha alma amadurecer lentamente, minhas ideias tornarem-se mais minhas.” (Beauvoir, 2008, p. 80).

⁸ “Como eu gostaria de apressar piedosamente a essência fugidia entre as páginas de um livro para salvá-la. Jamais saberia amar a arte senão como a salvaguarda da minha vida, só pediria transfigurá-la, enfim, trocar os momentos

Saem dos cadernos uma parte considerável de seu primeiro livro de memórias, que cobre desde a infância até a juventude de Simone de Beauvoir, *Mémoires d'une jeune fille rangée* (publicado em 1958, muito depois de seu primeiro romance, *L'Invitée*, de 1943). É preciso lembrar que a prática de escrever diários e cartas era alimentada durante a educação das jovens, como uma forma de disciplinar e, por vezes, controlar os seus hábitos de vida, leituras e gostos. Nossa autora soube, como poucas jovens de seu tempo, fazer dessa prática um meio de escapar da vigilância dos pais, fugindo à vocação de uma jovem mulher para o casamento, ao mesmo tempo que a tornou um exercício diário de criação literária (Jeannelle ; Lecarme-Tabone, 2018, p.XVIII).

Nestes cadernos de juventude, além de escolher sua vocação de escritora, Simone de Beauvoir procura definir conceitos fundamentais, como a felicidade, a amizade, o amor, o sofrimento, a solidão, a morte, a vida, a realidade. Debruça-se sobre aspectos da criação literária, muitas vezes assaltada pela dúvida. Esboça também argumentos de futuros romances, aqui em germe⁹. Em certo momento, fica maravilhada com a descoberta da vida interior (Beauvoir, 2008, p.84) e com a embriaguez de ser ela mesma (*"la grande ivresse d'être moi"* (Beauvoir, 2008, p.105)). *"Dans un voyage de découverte"* (Beauvoir, 2008, p.135), revela a si mesma a perda da ilusão do eu perfeito: trata-se de sua imersão no autoconhecimento.

Junto com as descobertas afetivas e os prazeres de juventude, vêm as *"jouissances intellectuelles"*, o prazer de ler e desvelar os textos proibidos em casa, livros que são seus mestres e amigos (Beauvoir, 2008, p. 69), companheiros de solidão. Em Paris, na Sorbonne, passa horas *"consacrées à l'étude fiévreuse"* (Beauvoir, 2008, p.84), imersa em suas leituras na biblioteca da universidade ou na Biblioteca Nacional. Na passagem a seguir, a jovem Simone descreve o prazer intelectual que sente ao refletir livremente sobre tudo e escrever a respeito: *"[...] elles sont si belles les jouissances intellectuelles lorsqu'on sait rattacher l'intelligence à la vie; plus qu'une jouissance, un soutien, une transfiguration de l'existence."* (Beauvoir, 2008, p.56)¹⁰.

amados por eles mesmos. Mas esses momentos também eram belos antes da forma com que pressentiam poder se revestir. Não importa, não serei nunca escritora antes de tudo, como Baladin é Sartre. Inventar não me diverte. Sonho com um milagre de Proust que salva o olhar de uma jovem tão facilmente quanto os quadros de Elstir e a arte de Berma. Li *Albertina desaparecida*, gosto muito mais da primeira leitura, ainda que francamente ela não seja tão boa quanto o resto." (Beauvoir, 2008, p. 847).

⁹ Ver Beauvoir (2008, p.81-82, 86, 226, 298, 344, 363-364, 429, 511, 546, 649, 667, 843, 847).

¹⁰ "[...] os prazeres intelectuais são tão belos quando sabemos relacionar a inteligência à vida; mais do que um prazer, um sustento, uma transfiguração da existência." (Beauvoir, 2008, p.56).

Sua existência em torno da família e de sua amiga de classe e de adolescência, Zaza (Élisabeth Lacoin), o amor por seu primo Jacques (que às vezes se torna seu interlocutor, como em um diário juvenil, provavelmente em esboço para cartas remetidas na época) são superados nesse período: deixa o lar paterno, amadurece suas leituras (antes controladas pela mãe) e, em 1929, sua amiga de adolescência Zaza falece, de meningite. Em 1928, Beauvoir termina a licenciatura em Filosofia e, em 1929, passa no concurso para professora, assim como Jean-Paul Sartre, que Simone de Beauvoir conhece apenas nesse ano, nada tendo influenciado em suas escolhas. Foram, ao contrário, conforme lembra Sylvie Le Bon de Beauvoir (2008), as escolhas de Simone de Beauvoir que a levaram a conhecer e a amar Sartre: “*Parfois, je me sens capable de la vie plus orageuse et immorale; parfois de marcher dans une austerité rigide.*” (Beauvoir, 2008, p.265)¹¹.

Assim, por essas escolhas de mulher livre, afasta-se também do destino de *ménagère*, dona de casa, da mulher escrava do sistema patriarcalista, vida que levou sua mãe, e caminha em direção à sua liberação, em todos os sentidos (o que relata em *Mémoires d'une jeune fille rangée* e em *La Force de l'âge*): libertação da família, da religião, da vida burguesa e dos salões. Em *Le Deuxième sexe*, ela afirma: “*C'est par le travail que la femme a en grande partie franchi la distance qui la séparait du mâle; c'est le travail que peut seul lui garantir une liberté concrète.*” (Beauvoir, 2014, p.45)¹². Por meio de seu trabalho que se inicia neste período em que escreve seus cadernos de juventude, Simone de Beauvoir afirma-se também filosoficamente enquanto sujeito e passa a viver sua condição de mulher independente (Beauvoir, 2014).

A obra de uma vida: a aventura do autoconhecimento e o culto de si

O projeto literário de Simone de Beauvoir passa pelos escritos de si ou pelas *écritures mémorales*. Nos seus *Cahiers de jeunesse*, a autora esboça seu edifício beauvoiriano – “*je construirai un bel édifice*” (Beauvoir, 2008, p.364)¹³ – que inclui correspondência, novelas, romances, peças de teatro, memórias, ensaios filosóficos, diários etc. No caso dos cadernos, nosso objeto de estudos neste artigo,

¹¹ “Às vezes, sinto-me capaz da vida mais tempestuosa e imoral; às vezes, de andar numa austeridade rígida.” (Beauvoir, 2008, p.265).

¹² “É por meio do trabalho que, em grande parte, a mulher transpõe a distância que a separava do homem; somente o trabalho pode lhe garantir uma liberdade concreta.” (Beauvoir, 2014, p.45).

¹³ “eu construirei um belo edifício” (Beauvoir, 2008, p.364).

eles apresentam pela primeira vez na obra da autora seu projeto literário que se tornou seu projeto de ação. A partir dele, a autora reflete sobre a condição da mulher na sociedade, bem como no meio filosófico e literário (*la femme de lettres*) ainda predominantemente masculino.

Sua intenção é escrever uma obra que revele o seu íntimo, livre de outras influências: “*ce désir de produire une œuvre où je serais toute*”; “*Te voici dépouillée de toute influence, de toute timidité, sincère et hardie [...]*” (Beauvoir, 2008, p.429 e 431)¹⁴. Ao discutir para que serve a literatura, em comunicação publicada em 1965, Simone de Beauvoir define o que é a literatura e observa que se trata de “[...] *une activité qui est exercée par des hommes, pour des hommes, en vue de leur dévoiler le monde, ce dévoilement étant une action [...]*” (Beauvoir, 1965, p.73)¹⁵. Nesse diálogo com seus pares, a filósofa (única mulher naquela discussão) reflete sobre a importância da literatura em seu sentido mais amplo. Como *femme de lettres*, em sua obra, Simone de Beauvoir procurou não só assentar seu lugar no cânone, mas também apoiar e intermediar a difusão de outras escritoras, o que se permite ver em suas obras tardias, que relatam suas viagens pelo mundo divulgando seu pensamento (Beauvoir, 1963) e sua participação em eventos dedicados aos grandes escritores de sua geração, como feito no Brasil, em 1960 (Romano, 2002).

Os gêneros literários a que se dedica (dos cadernos ao ensaio filosófico) estabelecem um ponto de contato entre seu projeto autoral e o seu engajamento na sociedade, sua intervenção direta pelos direitos das mulheres, entre outros direitos humanos. Seu objetivo fica claro ao longo dos *Cahiers de jeunesse*: “*comment j’ai commencé par l’action, fuir le culte du moi pour l’action nécessaire*” (Beauvoir, 2008, p. 371)¹⁶. Seu projeto filosófico vem formulado nessa época: “*Systématiser ma pensée et croire en la valeur de la pensée*”; “*il y a à faire pour faire de moi une philosophe*” (Beauvoir, 2008, p. 378 e 379)¹⁷. Aqui ela une sua concepção estética e filosófica: “*il faut que ma philosophie soit de la vie [...]* *Je dominerai le monde*” (Beauvoir, 2008, p.387)¹⁸. Nota-se que a jovem Simone de Beauvoir buscava seu próprio caminho, de forma a se afirmar (o que fica evidente nos textos de gênero

¹⁴ “este desejo de produzir uma obra em que eu estarei toda”; “Eis você aqui despojada de qualquer influência, de qualquer timidez, sincera e arditosa” (Beauvoir, 2008, p.429 e 431).

¹⁵ “uma atividade que é exercida pelos homens, para os homens, a fim de revelar-lhes o mundo, e esta revelação é uma ação” (Beauvoir, 1965, p.73).

¹⁶ “de que modo comecei pela ação, fugir ao culto de si, para a ação necessária” (Beauvoir, 2008, p. 371).

¹⁷ “Sistematizar meu pensamento e acreditar no valor do pensamento”; “há muito a fazer para fazer de mim uma filósofa” (Beauvoir, 2008, p. 378 e 379).

¹⁸ “[...] é preciso que minha filosofia seja vida [...] Eu dominarei o mundo.” (Beauvoir, 2008, p.387).

autobiográfico), mas ao mesmo tempo, buscar no que há de mais íntimo o ser metafísico em si, alcançando em tudo o que há de si, um eu universal.

C'est ce qui me gêne aussi quand je lis des journaux intimes, des correspondances : cette image, même vraie, c'est seulement le "deuxième aspect du moi", comme parle Bergson, mais le premier, l'être métaphysique pour ainsi dire, quel était-il ? A ce compte on ne pourrait aimer ni admirer personne. (Beauvoir, 2008, p. 301)¹⁹.

Consciente de que o pensamento filosófico só se articula em interlocução com seus pares, Simone de Beauvoir, aos vinte anos, começa a pensar a filosofia enquanto sistema e, como dissemos, elabora seu projeto de ação. No princípio, foi a partir de seus diálogos com Merleau-Ponty (que fundaria com Beauvoir e Sartre a revista *Temps Modernes*, em 1945), por exemplo, que ela se deu conta da necessidade do senso de realidade entre sua obra e a sociedade. Em certo momento, ela agradece ao colega da Sorbonne por ter se prestado ao serviço da severidade e por ter lhe dado "*le sens du réel*" (Beauvoir, 2008, p.400 e 426). Sua percepção da realidade envolve, em algum momento nos *Cahiers*, reflexões sobre a ecologia e a atuação predadora da sociedade desde pelo menos a Revolução Industrial. Nos cadernos, que ora funcionam como diário, a autora dialoga com seus colegas, como é o caso desta passagem em que discorda de sua colega de Sorbonne Simone Weil: "[...] *ce qui importe, mademoiselle Weil, ce n'est pas que les usines marchent, c'est que pauvres comme riches, barbares comme civilisés, sauvent leur âme.*" (Beauvoir, 2008, p.402)²⁰.

Em *Que peut la littérature?*, Simone de Beauvoir ressalta que o que torna a literatura insubstituível (diante de outras formas de comunicação e do fascínio das mídias disponíveis na década de 1960, como a televisão e o rádio) é o poder que ela tem de entregar o mundo em dimensão humana (Beauvoir, 1965), de perpetuar uma emoção, um sentimento, um instante; as palavras lutam contra o tempo, contra a morte e a solidão (Beauvoir, 1965). Para ela, a possibilidade de comunicar da literatura difere dos outros meios de comunicação, pois ela nos comunica no que nos separa, naquilo que nos é pessoal (Beauvoir, 1965, p.79).

¹⁹ "É o que me incomoda quando leio diários íntimos, correspondências: essa imagem, mesmo verdadeira, é somente o 'segundo aspecto do eu', como fala Bergson, mas o primeiro, o ser metafísico, por assim dizer, qual seria ele? Desse modo, não poderia amar nem admirar ninguém." (Beauvoir, 2008, p. 301).

²⁰ "[...] o que importa, senhorita Weil, não é que as usinas funcionem, é que tanto pobres quanto ricos, tanto bárbaros quanto civilizados, salvem suas almas" (Beauvoir, 2008, p.402).

A respeito da construção de sua obra ficcional, que envolve novelas, romances e teatro, além dos gêneros híbridos e autobiográficos, conforme dissemos, sua produção já estava em germe nos cadernos de juventude. Mesmo a escrita dos cadernos são objeto de reflexão quanto à projeção de sua obra como um belo edifício (Beauvoir, 2008, p.363-4).

Voici ce que je vais faire : sur ce cahier je conterai mes expériences que j'accepte variées et même absurdes ; ce sera sur le plan de ma faiblesse. Puis je m'attacherai à une œuvre de pensée où tout aboutira dans un jugement fort, détaché et dédaigneux. Il n'y aura pas dilettantisme, ni dédoublement [...] Ni critique, ni roman ne me satisferaient qui s'occupent d'être et de choses en dehors de moi. (Beauvoir, 2008, p. 342-343)²¹.

A maturidade chega com a certeza de seu desdobramento : “*au fond de moi je découvre l'éclosion d'une vie autre*” (Beauvoir, 2008, p.509)²². Ao mesmo tempo, a descoberta de sua identidade e a autoaprendizagem: “*Brusque et miraculeuse découverte de moi*” (Beauvoir, 2008, p.510)²³. Dos sete cadernos, o primeiro se perdeu, assim como outras anotações para um diário que a autora dizia escrever em 1926: “*Je commence à tenir un journal que je perds à Saint-Geneviève. Je recommence*” (Beauvoir, 2008, p.510)²⁴. Ao final dos *Cahiers de jeunesse*, aos 22 anos, Simone de Beauvoir os relê criticamente:

Je relis les cahiers d'autrefois. Mais j'estime beaucoup cette petite fille-là, elle était simple, elle était passionnée et sage, elle pensait directement et bien; elle avait sur l'amour les idées les plus justes; elle était atrocement malheureuse, et courageuse. Et quelle poésie de l'adolescence qui ne s'est pas encore enfuie de ces pages. Nostalgie de cette époque. Je voudrais faire quelque chose pour elle. (Beauvoir, 2008, p. 778-779)²⁵.

²¹ “Eis aqui o que vou fazer: neste caderno, contarei minhas experiências, que aceito como variadas e mesmo absurdas ; será sobre o plano da minha fraqueza. Depois, me dedicarei a uma obra de pensamento em que tudo resultará num julgamento forte, destacado e desdenhoso. Não haverá dilettantismo, nem desdobramento [...] Não ficarei satisfeita nem com crítica, nem com romance que se ocuparem de seres e de coisas além de mim.” (Beauvoir, 2008, p. 342-343).

²² “dentro de mim descobro o nascimento de uma outra vida” (Beauvoir, 2008, p.509).

²³ “brusca e milagrosa descoberta de mim” (Beauvoir, 2008, p.510).

²⁴ “Começo a escrever um diário que perco em Saint-Geneviève. Recomeço.” (Beauvoir, 2008, p.510).

²⁵ “Releio os cadernos de outrora. Mas estimo muito aquela mocinha, ela era simples, era apaixonada e comportada, ela pensava diretamente e bem ; ela tinha sobre o amor as ideias mais justas ; era de uma tristeza atroz e corajosa. E a

A mulher independente e o pensamento revolucionário da mulher de letras

Conforme dissemos, em 1929, Simone de Beauvoir passa no concurso para professora de Filosofia. Em 1931, é nomeada para lecionar em Marselha e, em 1932, em Rouen, onde fica até 1936, quando volta a Paris para dar aulas no Liceu Molière, entre outros. Sua ascensão intelectual num universo predominantemente masculino vai de par com sua afirmação enquanto mulher e *femme de lettres*: do ensino à produção literária e filosófica. Em *Le Deuxième sexe*, Simone de Beauvoir (2014, p.33) afirma: “*tout est suspect quand écrit par un homme*”. Dessa forma, a escritora e filósofa usa de sua pena para pôr em questão esse mundo machista e suas regras, forjadas por homens. A mulher, na literatura clássica e depois, foi descrita por escritores homens, que reproduziram o mesmo discurso historicamente, segundo o qual a mulher era dotada para o matrimônio, para a maternidade e para os trabalhos domésticos. A partir do momento em que a mulher adquire os mesmos direitos dos homens, de trabalhar fora, de ler, escrever e ser lida por homens e mulheres; de votar e exercer a representação política²⁶, é seu dever questionar o mundo tal como formulado. Beauvoir defende então o papel da mulher de letras e prevê: quando superadas as questões sociais de gênero, quando a escritora emergir de seu universo feminino, a mulher terá a mesma representatividade na criação literária. Da contemplação feminina do mundo, a escritora passa a criar um universo literário, que ultrapassa o mundo conhecido.

Durante a leitura de seus cadernos de juventude, buscamos revelar momentos de aprendizagem da jovem estudante em que, conforme define a autora, em “La Femme indépendante” (*Le Deuxième sexe*), “*étude et divertissement se confondent, où les aventures de l’esprit prennent une chaleur vivante*” (Beauvoir, 2014, p.73)²⁷. Seu caminho até a independência intelectual e a da criação literária (caminho de todo escritor, segundo ela), sua afirmação como *femme de lettres*, tem seus primeiros passos na vida da estudante, diante de seus cadernos de juventude. Aos dezoito anos, Simone de Beauvoir já tinha a consciência de que pôr em palavras seus sentimentos íntimos era um exercício de reflexão, uma forma de disciplinar o pensamento e um modo de afirmação de sua existência.

poesia da adolescência que ainda não tinha escapado destas páginas. Nostalgia dessa época. Gostaria de fazer alguma coisa por ela.” (Beauvoir, 2008, p. 778-779).

²⁶ Somente em 1944, na França, as mulheres conquistaram o direito ao voto; no Brasil, foi 1932.

²⁷ “estudo e divertimento se confundem, em que as aventuras do espírito têm vivacidade” (Beauvoir, 2014, p.73).

[...] mes complications intimes, j'ai la pudeur même de les écrire; crainte de les maltraiter avec des mots; surtout absolue inutilité puisque la réflexion et le recueillement ne sont rien pour le sentiment pur. Pourquoi alors? Pour me donner chaque jour la certitude que je vis; pour m'affirmer plus fortement l'existence de cet être en moi que je connais seule. C'est aussi une discipline de pensée, les jours où j'aurai le courage de penser. (Beauvoir, 2008, p.51)²⁸.

Na busca pela expressão, a jovem Beauvoir resenha, digere suas leituras, reflete sobre o que se tornará seu objeto principal de estudos e sobre seus sentimentos. Esses fragmentos, escritos no âmbito íntimo, são exercícios de escrita, “*des essais sur la vie*” (Beauvoir, 2008, p. 344); em sua definição, um diário (“*journal*”, Beauvoir, 2008, p.363) que a escritora mais tarde amadureceria em seus escritos definitivos: romances, memórias, ensaios. Comparemos o trecho anterior, de 9 de agosto de 1926, dos *Cahiers de jeunesse*, a este, de *Le Deuxième sexe*, de 1949. A tarefa da escritora vai além da afirmação enquanto indivíduo. Como criadora de um universo particular, que supera as limitações sociais a que era submetida, enquanto *femme de lettres*, Simone de Beauvoir revela a liberdade conquistada por meio da criação literária, que transcende o seu lugar particular ocupado no mundo, o que permite que sua mensagem tenha um alcance amplo.

L'art, la littérature, la philosophie sont des tentatives pour fonder à neuf le monde sur une liberté humaine : celle du créateur ; il faut d'abord se poser sans équivoque comme une liberté pour nourrir pareille prétention. Les restrictions que l'éducation et la coutume imposent à la femme limitent sa prise sur l'univers ; quand le combat pour prendre place dans ce monde est trop rude, il ne peut être question de s'en arracher ; or, il faut d'abord en émerger dans une souveraine solitude si l'on veut tenter de s'en ressaisir : ce qui manque d'abord à la femme c'est de faire dans l'angoisse et l'orgueil l'apprentissage de son délaissement et de sa transcendance. (Beauvoir, 2014, p.88)²⁹.

²⁸ “[...] minhas complicações íntimas, eu mesma tenho o pudor de escrevê-las; por medo de maltratá-las com as palavras; sobretudo, inutilidade absoluta, pois a reflexão e o recolhimento nada são para o sentimento puro. Por quê, então? Para a cada dia me dar a certeza de que estou viva; para afirmar para mim mais fortemente a existência desse ser em mim que só eu conheço. É também uma disciplina do pensamento, nos dias em que terei a coragem de pensar.” (Beauvoir, 2008, p.51).

²⁹ “A arte, a literatura, a filosofia são tentativas de fundar novamente o mundo sobre uma liberdade humana: a do criador; primeiramente, é preciso se colocar sem equívoco como uma liberdade para alimentar semelhante pretensão. As restrições que a educação e o costume impõem à mulher limitam sua tomada no mundo; quando o combate para tomar seu lugar no mundo é rude demais, é apenas questão de se desarraigar dele; ora, antes de tudo, é preciso emergir

Conforme pontua Izilda Johanson, este é um dos maiores legados da vida e obra de Simone de Beauvoir: que a vida de uma mulher liga-se a dois tensores, o da liberdade e o da facticidade, o seu modo de agir e de seu posicionar no mundo (Johanson, 2019, p.13). Em *Le Deuxième sexe*, Beauvoir não apenas identifica, ao longo da história da filosofia, o discurso masculino que procura definir e constranger a mulher, mas também questiona as barreiras impostas por esse discurso e, como define Djamila Ribeiro, abre alternativas para a sua ultrapassagem (Ribeiro, 2019, p. 22).

Tendo constituído uma carreira de intelectual e de escritora consistente, por meio da qual conviveu com os principais pensadores e escritores de seu tempo, pode-se afirmar, junto com a estudiosa Julia Kristeva (2019), que Simone de Beauvoir construiu um pensamento filosófico e uma obra coerentes com seu modo de existência. Desde suas escolhas pessoais e íntimas, até suas ocupações profissionais e literárias, refletem sua forma de ver o mundo, as quais foram transportadas de maneira sensível para sua obra. Trata-se de uma coincidência rara e feliz entre o que se faz e o que se prega.

Superados os conflitos, a desigualdade e a opressão social, o que desejava utopicamente Simone de Beauvoir era a fraternidade e a igualdade dos sexos, tendo em vista que, enquanto seres humanos, passamos pelos mesmos dilemas existenciais. Nesta passagem final de *Le Deuxième sexe*, a filósofa feminista conclui em defesa da igualdade entre homens e mulheres, sob seus principais aspectos.

Dans les deux sexes, se joue le même drame de la chair et de l'esprit, de la finitude et de la transcendance ; les deux sont rongés par le temps, guettés par la mort, ils ont un même essentiel besoin de l'autre ; et ils peuvent tirer de leur liberté la même gloire ; s'ils savaient la goûter, ils ne seraient plus tentés de se disputer de fallacieux privilèges ; et la fraternité pourrait alors naître entre eux. (Beauvoir, 2014, p. 112)³⁰.

Nos *Cahiers de jeunesse*, Simone de Beauvoir demonstra uma força e coragem para a construção de sua obra. Conforme vimos, o hábito de escrever diários e cartas fazia parte da disciplina transmitida de mães para filhas, forma de controle

dele numa soberana solidão, se quisermos tentar apreendê-lo: o que falta à mulher é fazer, na angústia e no orgulho, a aprendizagem de seu abandono e de sua transcendência.” (Beauvoir, 2014, p.88).

³⁰ “Nos dois sexos, encena-se o mesmo drama da carne e do espírito, da finitude e da transcendência; os dois são corroídos pelo tempo, espreitados pela morte, ambos têm a mesma necessidade essencial um do outro; e podem tirar de sua liberdade a mesma glória; se soubessem experimentá-la, não seriam tentados a disputar entre si falaciosos privilégios; e então a fraternidade poderia nascer entre eles.” (Beauvoir, 2014, p. 112).

sobre seus hábitos cotidianos, mas, para Simone de Beauvoir, também um registro íntimo e secreto de sua fuga aos princípios de composição familiar tradicionais e à vocação para o casamento.³¹ Sua obra em construção e seu sistema filosófico formados dia a dia a partir da prática da leitura e da escrita, em cadernos, diários, cartas, memórias e obras de ficção, refletem a conquista de sua liberdade de pensamento, que a libera das contingências estabelecidas por critérios morais determinados pelos homens, o que se verifica em sua obra *Le Deuxième sexe*.

Embora não publicados em vida pela autora, como vimos, estes cadernos de juventude são o prenúncio do seu longo projeto autoficcional e filosófico, muito bem refletido diariamente nestes textos. Entre diário e memórias, rascunhos de cartas, resumos e esboços de romances, notamos aqui seus ensaios de escritura de si, alimentados por diversas ideias retomadas mais tarde nas suas obras que compõem seus seis livros de memórias, hoje coligidos nos dois tomos da Pléiade: *Mémoires d'une jeune fille rangée* (que aborda a infância e a adolescência da autora), *La Force de l'âge* (dos seus vinte aos trinta anos), *La Force des choses* (dos quarenta até antes dos cinquenta anos), *Une mort très douce* (sobre sua mãe), *Tout compte fait* (sobre seus setenta anos em diante, compreende seus últimos dez anos de vida) e *La Cérémonie des adieux* (a partir da morte de Sartre). Os organizadores dessa edição, Jean-Louis Jeannelle e Éliane Lecarme-Tabone, consideram o ano de 1956 como o início do “ciclo memorial” da obra de Simone de Beauvoir, com a escrita e a publicação, em 1958, de *Mémoires d'une jeune fille rangée*, e seu término em 1981, com *La Cérémonie des adieux* (Jeannelle; Lecarme-Tabone, 2018, p.X). Muitos dos diários da autora permanecem inéditos em livro, com a exceção dos *Cahiers de jeunesse* e do *Journal de guerre*, ambos publicados postumamente. Conforme Jean-Louis Jeannelle e Éliane Lecarme-Tabone:

Le cycle mémorial est ainsi devenu la colonne vertébrale de toute son œuvre. L'exercice de la première personne (hors du champ de la fiction) a nourri chez Beauvoir un désir et un art de la synthèse au fondement même de sa pratique de l'écriture, porté au second degré dans Tout compte fait (où tous les volumes précédents se trouvent repris), voire au troisième dans La Cérémonie des adieux, et qui constituent l'aboutissement de ce désir de création dont la jeune Simone faisait souvent état dans ses Cahiers de jeunesse. Aussi ce cycle est-il devenu ce par quoi Beauvoir nous parle aujourd'hui de la manière la plus directe, conformément au souhait qu'elle avait de « faire de [s]a vie une expérience

³¹ Nesse sentido, segundo Sartre, Simone de Beauvoir, ainda jovem, já revelava uma liberdade igual à das mulheres casadas (Beauvoir, 2008, p.838).

A formação de uma escritora: os *Cahiers de jeunesse* de Simone de Beauvoir (1908-1986)

exemplaire où se refléterait le monde tout entier ». (Jeannelle ; Lecarme-Tabone, 2018, p. XVI-XVII)³².

São, portanto, os *Cahiers de jeunesse* o mapa do edifício de sua obra a construir. Neles, Simone de Beauvoir estabelece os princípios de seu sistema de pensamento filosófico, conforme define a autora, revisando o mundo e o universo literário tal como visto pelas convenções de seu tempo, segundo uma perspectiva mais pluralista e inclusiva, pelo olhar de uma escritora.

Considerações finais

De professora a ensaísta e escritora, em diálogo com os maiores pensadores de sua geração, Simone de Beauvoir perfaz uma trajetória profissional em que, de modo independente e genial, contribui de forma inovadora para a história da filosofia ocidental. Sua atuação demonstra a sua teoria na prática. Como escritora e pensadora, Simone de Beauvoir associou suas reflexões sobre os papéis da mulher na sociedade moderna a uma atividade direta pelos direitos das mulheres, num momento em que, para assumir suas escolhas, era preciso ocupar um lugar de fala específico. Nos *Cahiers de jeunesse*, ela esboça o seu sistema de pensamento, seu projeto literário e filosófico e prenuncia sua atuação feminista, em torno da profissionalização das mulheres de letras, quando muitas então, neste tempo, passaram a atuar como escritoras e jornalistas.

Conforme demonstraremos em outros momentos desta pesquisa, no Brasil, por exemplo, no mesmo período em que Simone de Beauvoir escreveu e divulgou sua obra, vimos a ascensão de escritoras como Dinah Silveira de Queiroz, Rachel de Queiroz, Zélia Gattai, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Helena Silveira, Maria Adelaide Amaral, entre muitas outras^{33 34}. Na França, Simone de Beauvoir representa também um papel central na história dos escritos de si no século XX (Jeannelle; Lecarme-Tabone, 2018, p.X), em que se incluem as memórias e os

³² “O ciclo memorial tornou-se, portanto, a coluna vertebral de toda a sua obra. O exercício da primeira pessoa (fora do campo da ficção) alimentou em Beauvoir um desejo e uma arte da síntese ao próprio fundamento de sua prática da escritura, levada ao segundo grau em *Tout compte fait* (em que todos os volumes anteriores foram retomados), até mesmo ao terceiro grau, em *La Cérémonie des adieux*, e que constituem a realização desse desejo de criação de que a jovem Simone nos dava conta com frequência nos seus *Cahiers de jeunesse*. Esse ciclo também se tornou o que Beauvoir nos comunica hoje da maneira mais direta, conforme o desejo que ela tinha de ‘fazer de minha vida uma experiência exemplar, em que se refletiria o mundo inteiro’.” (Jeannelle ; Lecarme-Tabone, 2018, p. XVI-XVII).

³³ Ver Coelho (2002, p.159-160, 550-554, 657, 128-130, 386-389, 250, 402-403).

³⁴ Muitas destas escritoras foram leitoras de Simone de Beauvoir e algumas delas, puderam com ela dialogar ou se corresponder (Neves, 2019).

romances autobiográficos, gêneros irmãos e próximos da corrente autoficcional, que levou Annie Ernaux, pelo conjunto de sua obra, a ganhar, somente em 2022, o primeiro Nobel de literatura para uma escritora francesa.

A opção por gêneros literários híbridos (cadernos, diários, cartas, memórias), fontes para os romances de autoficção, relaciona a escritora ao seu momento histórico, enquanto sujeito que atua por meio da literatura. Nesses escritos, a autora reflete sobre a literatura e o ato de escrever, assim como em sua exímia prática da epistolografia. Sua atuação se perfaz igualmente por meio da realização de viagens pelo mundo todo e o desejo de expandir o alcance de seu pensamento, consequentemente, de sua comunicação com grandes escritores; a prática literária e ensaística, que não se deteve apenas no formato do livro, mas nas demais mídias de seu tempo (revista, jornal, rádio, conferências), tudo isso revela o que a crítica literária Julia Kristeva (2019, p. 39, 81) chama de a “pulsão verbal” de Simone de Beauvoir na construção pessoal como mulher livre. Ao observarmos seus cadernos de juventude, vemos os passos iniciais da pensadora feminista trilhando o seu próprio caminho e diversos exemplos dessa energia e dessa pulsão verbal de que fala Julia Kristeva. Suas escolhas pessoais, às vezes à revelia da família e de parte da sociedade burguesa em que estava inserida, demonstraram que Simone de Beauvoir estava no caminho certo: da independência e da liberdade, sob todos os aspectos, mantendo-se sempre uma referência do que nossa sociedade espera de uma mulher livre.

Traduzida para diversos idiomas em vida, quando ainda escrevia seus livros, Beauvoir nasceu e se tornou mulher, desfazendo mitos, e quebrando todos os padrões sociais (como os deveres femininos do casamento, da maternidade, da heterossexualidade), provocando o que se considera “uma revolução antropológica sem precedentes” (Kristeva, 2019, p.13). A igualdade de sexos e a universalidade de direitos são princípios do feminismo defendido por Simone de Beauvoir e que permanecem até hoje em pauta. Sua atuação e sua repercussão na defesa dos direitos da mulher são tamanhas que, após décadas, sua fala é ainda moderna e polêmica.

Concluimos com algumas palavras da jovem Simone de Beauvoir, nestes seus cadernos de juventude, quando, já aos dezoito anos, percebia que havia adquirido uma clarividência e que tinha uma missão, ao identificar em sua tarefa como mulher de letras o seu objetivo na aventura de viver, refletindo sobre sua condição enquanto indivíduo.

Je me suis trouvée ; je suis moi, et je sais que je suis moi. Je suis en pleine maturité et pleine de possession de moi. Je suis un être fait, dans toute la force et la richesse qu'il aura jamais. Non seulement cela, mais j'ai trouvé ma vie, mon avenir et je connais déjà tout ce qui aura place dans mon existence. C'est terrible, mais il n'y a pas à dire, je suis une femme maintenant. Tant qu'on se cherche, tant qu'on cherche, on n'a pas le temps ni le besoin de rien faire d'autre. (Beauvoir, 2008, p. 237)³⁵.

Nessa aventura pelo autoconhecimento, ao descobrir-se mulher, a jovem escritora constrói-se como uma obra, por meio da busca e da realização de ser ela mesma, mulher e escritora. Como Simone de Beauvoir afirma no trecho que citamos no início deste artigo, ela faz a mais bela obra que se possa realizar: a sua própria vida.

Je voudrais être une femme très bien; en ce moment je ne vois rien de positif qui m'en empêche, mais ça n'y est pas encore: il faut du talent avant tout; une indifférence complète à son agrément personnel, ce qui évite tous les petits calculs et les petites tristesses ; de la force, c'est-à-dire le pouvoir de tout supporter et surtout de tout oser, même le plus cruel ; de la joie qu'on tire de soi seule ; la volonté de préférer cette joie à tout ce que les gens vous donnent. (Beauvoir, 2008, p. 843-844)³⁶.

Agradecimentos

Agradeço às amigas e aos amigos que preferi, citados nas referências, para que pudesse escrever este artigo, bem como aos professores e colegas do Grupo de Pesquisas Brasil-França, do Instituto de Estudos Avançados.

³⁵ “Eu me encontrei; sou eu e eu sei que sou eu. Estou em plena maturidade e em plena posseção de mim. Sou um ser completo, em toda a força e riqueza que jamais terá. Não apenas isso, mas encontrei minha vida, meu futuro e já conheço tudo o que acontecerá na minha existência. É terrível, mas não há nada a dizer, sou uma mulher agora. Tanto que nos procuramos, tanto que procuramos, não temos tempo nem necessidade de fazer outra coisa.” (Beauvoir, 2008, p. 237).

³⁶ “Gostaria de ser uma mulher muito boa; neste momento, não vejo nada de positivo que me impeça disso, mas ainda não: antes de tudo, é preciso talento; uma indiferença completa à sua autossatisfação, o que evita todos os pequenos cálculos e as pequenas tristezas; é preciso força, ou seja, o poder de suportar de tudo e tudo ousar, mesmo o mais cruel; é preciso alegria que se tira somente de si mesma; e vontade de preferir esta alegria a tudo o que as outras pessoas lhes dão.” (Beauvoir, 2008, p. 843-844).

THE FORMATION OF A WRITER: SIMONE DE BEAUVOIR'S CAHIERS DE JEUNESSE (1908–1986)

ABSTRACT: *This paper is part of a broader research project entitled Femmes de lettres, developed by the Brazil–France Research Group at IEA-USP, which focuses on the memorial writings of Simone de Beauvoir (1908–1986), including her youth notebooks, correspondence, essays, and memoirs, as well as her role as an interlocutor of other authors who engaged in dialogue with her in their search for professionalization as writers. This article aims to analyze Beauvoir's authorial construction since her first memorial writings, such as Cahiers de jeunesse (1926–1930), and examines the construction of Simone de Beauvoir's system of thought and work based on the analysis of her youth notebooks. There are seven notebooks (the first of which was lost), written between 1926 and 1930 and published posthumously in book form in 2008, on the centenary of the author's birth. This study is divided into four parts: 1) an introduction; 2) an analysis of passages from the notebooks in which the writer addresses authorial construction; 3) the interrelationship between the Cahiers de jeunesse and Beauvoir's mature works; and, finally, 4) final considerations.*

KEYWORDS: *Memorial writings. Authorial construction. Simone de Beauvoir. Cahiers de jeunesse.*

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **Mémoires**. Organisation de Jean-Louis Jeannelle e Éliane Lecarme-Tabone. Paris: Gallimard, 2018. (Bibliothèque de la Pléiade). 2 v.

BEAUVOIR, Simone. **La Femme indépendante**: Extraits du Deuxième sexe. Édition établie et présentée par Martine Reid. Paris: Gallimard, 2014. Collection Folio.

BEAUVOIR, Simone. **Cahiers de jeunesse (1926-1930)**. Texte établi, édité et présenté par Sylvie Le Bon de Beauvoir. Paris: Gallimard, 2008.

BEAUVOIR, Simone. Que peut la littérature?. In: BEAUVOIR, Simone et al. **Que peut la littérature?** [Paris] : Union Générale d'Éditions, 1965. p. 73-92.

BEAUVOIR, Simone. **La Force des choses**. Paris: Gallimard, 1963.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)**. São Paulo: Escrituras, 2002.

JEANNELLE, Jean-Louis; LECARME-TABONE, Éliane. Introduction: Le Temps des mémoires. In: BEAUVOIR, Simone de. **Mémoires**. Paris: Gallimard, 2018. (Bibliothèque de la Pléiade). v. 1, p. IX-LIV.

JOHANSON, I. A dimensão ética de Simone de Beauvoir. **Cult**, São Paulo, n. 10, p. 9-13, jan. 2019. Edição especial: Simone de Beauvoir e os paradoxos do feminino.

KRISTEVA, J. **Beauvoir presente**. Tradução de Edgard Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. São Paulo: Edições Sesc, 2019.

LE BON DE BEAUVOIR, Sylvie. Introduction. *In*: BEAUVOIR, Simone de. **Cahiers de jeunesse: 1926-1930**. Paris: Gallimard, 2008. p. 9-41.

NEVES, A. das. Num estiramento de libertação no papel: o arquivo literário de Lygia Fagundes Telles e sua correspondência com Simone de Beauvoir. **O Eixo e a Roda**: Revista de Literatura Brasileira, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 97-120, 2019. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/15213. Acesso em: 8 jan. 2021.

RIBEIRO, D. Figurações do outro. **Cult**, São Paulo, n. 10, p. 18-23, jan. 2019. Edição especial: Simone de Beauvoir e os paradoxos do feminino.

ROMANO, L. A. C. **A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.

